



<http://www.unifafibe.com.br/revistalettrasfafibe/>

ISSN 2177-3408

ROSANA DANIELA NASCIMENTO DE SOUZA

**ANÁLISE DAS PRINCIPAIS PERSONAGENS FEMININAS
NOS CONTOS ‘O BÚFALO’ E ‘FELIZ ANIVERSÁRIO’ DE
CLARICE LISPECTOR**

BEBEDOURO – SÃO PAULO

2013

ROSANA DANIELA NASCIMENTO DE SOUZA

**ANÁLISE DAS PRINCIPAIS PERSONAGENS FEMININAS
NOS CONTOS ‘O BÚFALO’ E ‘FELIZ ANIVERSÁRIO’ DE
CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof.^a Ms. Natália Helena Wiechmann

Co-Orientador: Prof. Ms. Jacob dos Santos Biziak

BEBEDOIRO – SÃO PAULO.

2013

Souza, Rosana Daniela Nascimento de

Análise das personagens femininas principais nos contos de Clarice Lispector / Rosana Daniela nascimento de Souza – 2013

39 f.; 29,7 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Centro Universitário Unifafibe — Bebedouro SP, 2013

Bibliografia: f. 27

1. Lispector. 2. Conto. 3. Personagem feminina.

I. Título.

ROSANA DANIELA NASCIMENTO DE SOUZA

**ANÁLISE DAS PRINCIPAIS PERSONAGENS FEMININAS
NOS CONTOS ‘O BÚFALO’ E ‘FELIZ ANIVERSÁRIO’ DE
CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof.^a Ms. Natália Helena Wiechmann

Co-Orientador: Prof. Ms. Jacob dos Santos Biziak

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador : Prof. Ms. Natália Helena Wiechmann

Centro Universitário do Norte Paulista Unifafibe – Bebedouro-SP

Membro Convidado: Prof. Ms. Jacob dos Santos Biziak

Centro Universitário do Norte Paulista Unifafibe – Bebedouro-SP

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a oportunidade de chegar até aqui, abençoada e presenteada com a companhia de pessoas maravilhosas, as quais levarei em meu coração por toda a minha vida.

Agradeço a meus pais, que acreditaram em meus sonhos, sonharam comigo e me ajudaram a torná-los reais, agradeço pela paciência, pelas orações, pelo incentivo, enfim agradeço imensamente por tê-los ao meu lado.

Agradeço aos velhos e novos amigos, aqueles que me escolheram, me acolheram e me amaram, aqueles que enxergaram em mim, algo que aos meus olhos era invisível, não existe prazer maior no mundo do que fazer verdadeiros amigos e conservá-los.

Agradeço aos Mestres por compartilhar de forma tão bonita e verdadeira os seus conhecimentos, agradeço especialmente a Professora Mariângela Alonso, por plantar em meu coração a semente do amor pela literatura, que agora cresce, floresce e dará muitos frutos. Ao professor Rinaldo pela ilimitável paciência, por manter o bom humor, mesmo em momentos difíceis. A minha admirável orientadora por todo apoio, pelos esclarecimentos, por aceitar esse desafio e acreditar em minha capacidade, ao meu querido co-orientador Jacob que nos presenteou com a sua brilhante companhia nesse último semestre, profissional incrível que contribuiu imensamente para a conquista desse trabalho, o amor dele pela literatura é contagiante.

Enfim agradeço a todos que contribuíram para que eu chegasse até aqui, aos familiares, a toda equipe Unifafibe, aos amigos, aos colegas, aos profissionais. Enfim muito obrigada a todos.

“Liberdade é pouco. O que eu quero não tem nome”.

(LISPECTOR, Perto do Coração

Selvagem).

RESUMO

Este estudo busca descrever os perfis das personagens femininas clariceanas nos contos “O búfalo” e “Feliz Aniversário” levando em conta o meio social e o espaço contidos na narrativa. Um dos objetivos é investigar e analisar os perfis destas personagens para que possamos compreender o que se passa no interior de cada uma delas; através de pesquisas sobre as características e o estilo literário de Lispector vincularemos esse estudo das personagens feminina a uma crítica social que está diretamente ligada ao contexto histórico daquela época, mostraremos o quão importante é compreender os perfis destas personagens para que entendamos todos os conflitos e crises existenciais vividos por elas.

Palavras-chave: Lispector. Conto. Personagem feminina.

ABSTRACT

This study attempts to describe the profiles of the female characters in the tales clariceanas "Buffalo" and "Happy Birthday" taking into account the social environment and the space contained in the narrative. One goal is to investigate and analyze the profiles of these characters so we can understand what is going on inside of each of them; through research on the characteristics and literary style Lispector will link the study of female characters to a social critique that is directly linked to the historical context of that time, show how important it is to understand the profiles of these characters to understand that all conflicts and existential crises experienced by them.

Keywords: Lispector. Tale. Female character.

SUMÁRIO

Introdução	8
1 Um pouco sobre Clarice	10
1.1 O estrangeiro e Lispector	12
2 Conto (Teoria)	13
2.1 Feminismo no Brasil e a escrita Lispector	13
2.2 A crítica literária.....	15
3 Anita "Feliz Aniversário"	17
3.1 A personagem do conto "O Búfalo"	21
3.2 O estranho, o estrangeiro e o desconhecido nas personagens estudadas.....	22
4 Considerações Finais	25
Referências.....	27
Anexos	28

INTRODUÇÃO

Este estudo da narrativa procurará descrever perfis das personagens femininas clariceanas abrigados pelo meio social e o espaço nos contos “O búfalo” e “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector. O trabalho situa-se na Narrativa brasileira do século XX e tem aporte nos teóricos Beth Brait (1985), que trabalha a personagem, Angélica Soares (2005), Nádia Batella Gotlib (1995), Massaud Moises (2006) e Antonio Dimas (1994), que trabalham com a teoria literária para que haja uma análise completa dos outros elementos presentes na narrativa. Utilizaremos a crítica literária de Lucia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão através do livro *A mulher escrita* (2004).

Promoveremos um estudo cujo objetivo é investigar os perfis das personagens clariceanas analisando seus conflitos interiores, angústias e os desejos do universo feminino, ligando a escrita de Lispector ao feminismo, embora Clarice nunca tenha se envolvido com o feminismo. Identificaremos o perfil de cada personagem feminina para que possamos compreender esses perfis psicológicos e assim facilitar a crítica social (feminismo) e o desvendamento de conflitos existenciais delas. Usaremos os teóricos supracitados para embasamento deste trabalho.

Analisaremos as personagens comparando o comportamento de cada uma com o espaço de cada conto para que, dessa forma, a análise seja completa de acordo com a teoria e a crítica.

Faremos uso das teorias de Massaud (2006), Dimas (1994) e Gotlib (1995) para o estudo do conto, que é caracterizado por ser uma narrativa curta.

Ao pesquisarmos as características e estilo de Lispector, verificamos a compatibilidade entre estudar suas personagens femininas e relacioná-las a uma crítica social, pois Lispector queria mostrar que a mulher tinha força e precisava se libertar do autoritarismo da sociedade machista. Faremos isso através da obra “A mulher na escrita” (2004), de Lucia Castello e Ruth Silviano (2004), e “Breve história do feminismo no Brasil” (1993), de Maria Amélia. Compararemos o contexto da época com o Modernismo clariceano.

Em meados do século XX, as mulheres não tinham voz, o homem era um ser absoluto, e Lispector através de seus contos, revela a prisão interna em que as mulheres daquela época se encontravam.

Estudaremos a teoria da personagem e outros elementos da narrativa (tempo, espaço, enredo e etc.) para a identificação das personagens, caracterizando-as como simples ou complexas, o que facilitará a análise.

A relevância desse tema consiste em investigar quão importante é compreender a construção psicológica e os perfis das personagens femininas clariceanas para que haja uma possível interpretação dos conflitos interiores em que se deparam em busca do próprio “eu” delas mesmas. Escolhemos as personagens clariceanas por estarem em um constante embate interior: os conflitos ocorrem a todo o momento, há uma busca pelo verdadeiro “eu” de cada uma delas.

Estudaremos o espaço através do livro *Espaço e Romance* (1993) de Antonio Dimas, pois o espaço está diretamente ligado às personagens, que são caracterizadas de acordo com o contexto socioeconômico e psicológico. O espaço denuncia as características humanas, portanto pesquisaremos e analisaremos o espaço para assim entendermos os perfis das personagens clariceanas propondo maneira de compreender os conflitos do universo feminino pelos quais as personagens passam nos contos estudados.

Optamos por Brait e Massaud por se tratarem de teóricos da literatura que trabalham a personagem e os outros elementos da narrativa, dessa forma poderemos compreender o modo de pensar e de agir de cada personagem, ligando esses perfis ao espaço através da obra de A. Dimas.

Preferimos o conto por se tratar de uma narrativa curta e obter apenas uma célula dramática, o que nos permite dar melhor enfoque ao estudo das personagens e vinculá-lo ao espaço onde o enredo ocorre.

Escolhemos dois contos por se tratarem de obras conceituadas de Clarice Lispector que falam de personagens femininas em constante busca por suas reais identidades e uma possível reconstrução: trata-se de personagens que enfrentam conflitos interiores e lutam para encontrarem as respostas de que precisam para se tornarem mulheres melhores. Clarice especialmente nesses dois contos fala da realidade, de tudo aquilo que remete aos conflitos interiores, medos, da escolha pela mudança, isso está presente no nosso cotidiano, o que nos faz pensar que Lispector não escrevia apenas para a literatura, mas falava dos problemas emocionais que estavam ligados ao cotidiano de cada ser humano.

Utilizaremos a crítica literária de Lucia Castelo Branco e Ruth Silviano por se tratar de uma crítica literária direcionada à mulher e especificamente por falar de Lispector.

Falaremos sobre a crítica literária ligada à escrita de Lispector, que foi relacionada ao feminismo por retratar a realidade, por falar das condições impostas pela sociedade e que deveriam ser obedecidas pelas mulheres da época (em meados do século XX).

Discutiremos todas as obras acima citadas para que haja uma análise satisfatória das personagens.

1. Um pouco sobre Clarice



Falar sobre Clarice é sempre algo prazeroso e compensador. E apesar de ser uma escritora extremamente importante para a literatura brasileira, muitas pessoas a conhecem apenas por “ouvir falar”, desconhecem as reais informações e curiosidades sobre a vida de Lispector. Poder proporcionar esse conhecimento, mesmo que de forma rasa a essas pessoas, é algo maravilhoso. Trabalhamos com a biografia de forma muito discreta, pois é algo que convém aos objetivos do trabalho, porque o foco é o estudo da obra, que sempre perpassa pelo criador. O fato de ser uma escritora tão famosa nos inspira a uma contextualização sobre a vida de Lispector. Como já citamos acima, muitas pessoas não tem conhecimento sobre a real obra da autora, conhecem apenas as frases jogadas na internet, que na maioria das vezes nem é de autoria de Clarice. Pensamos que falar um pouco sobre a biografia dessa autora poderá proporcionar as pessoas interesse em conhecer mais sobre a sua obra e estudá-la devidamente. Por isso decidimos falar um pouco sobre a autora.

Nascida na Ucrânia em 10 de Dezembro (1920), sua família era de origem judaica. É importante ressaltar que Lispector veio para o Brasil ainda muito criança (dois meses de idade), enquanto muitas biografias retratam que ela teria vindo com dois anos. Devido a este fato Lispector não se considerava estrangeira, costumava dizer que nunca havia pisado na Ucrânia por isso era brasileira.

Na década de 60 a autora dorme com um cigarro aceso e sofre graves queimaduras, especificamente na mão direita, mas isso não a impede de escrever. A paixão em escrever, continuava falando mais alto. Em uma entrevista que foi gravada no mesmo ano em que ela morreu, Clarice disse que, enquanto não escrevia, estava morta. No dia 9 de Dezembro veio a falecer, aos 56 anos de idade na cidade do Rio de Janeiro devido a um câncer de ovário.

<http://www.e-biografias.net/clarice_lispector>

1.1 O estrangeiro e Lispector

Clarice desde criança viveu intensamente a experiência de não se fixar em um único lugar, veio da Ucrânia para o Brasil (com apenas dois meses de idade). Já no Brasil morou em várias cidades (Maceió, Recife, Rio de Janeiro), também fez várias viagens e inclusive morou no exterior (Nápoles, Suíça, Estados Unidos e Inglaterra). Em 1959 retorna para o Brasil.

Possivelmente, podemos relacionar essa busca por um pouso, um ninho, com as próprias personagens da autora, pensamos que seria muito complicado afirmar que toda essa questão do estrangeiro e do estranho não estaria relacionados à questão biográfica, pois Clarice escrevia uma literatura que estava diretamente ligada à realidade, retratava nas cenas cotidianas os conflitos interiores dos seres humanos. Como não fazer essa relação? Lispector até hoje nos instiga com o seu modo peculiar, inconfundível e único de escrever, ou será retratar a realidade através de sua escrita? O que nos leva a uma profunda reflexão.

Freud afirmava que o estranho estava ligado a traumas sofridos na infância, à angústias. Ele define o estranho familiar como uma: “peculiar relação entre aquilo que é estranho, angustiante e ao mesmo tempo familiar, íntimo...” (PEREIRA, 2007, P.7).

Em relação aos traumas sofridos na infância: “Freud explica que o estranhamento tem origem em traumas da infância, que por sua vez causam o estranhamento porque no inconsciente é algo familiar.” (ibid.)

Esse trauma sofrido na infância que está ligado ao estranho pode ter acontecido na vida de Lispector, pois, segundo a crença judaica, quando uma mulher estava esperando um filho, todo o mal (doenças) que estaria em seu corpo, seria curado, quando esta criança viesse ao mundo, no caso da escritora Lispector (traumas de infância, frustração), isso não ocorreu, pois a virm como a salvação da mãe, e ela depois de alguns anos vem a falecer.

“fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença...”. (JUNIOR, 2007, p.288)

Clarice não gostava de ser vista como estrangeira isso ela deixa muito claro em sua entrevista (1977) ao dizer que o seu jeito de falar não tinha sotaque nenhum, era apenas língua presa.

Através dos dois contos estudados podemos perceber essas questões (estranho, estrangeiro, desconhecido) em ambas as personagens clariceanas, que serão aprofundadas e discutidas no capítulo 3.

2. Conto (teoria):

Em seu livro *Gêneros Literários* (2005), Soares explica que o conto: “É a designação da forma narrativa de menos extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias.” (p. 54).

Moisés acrescenta mais sobre o conto em seu livro *A Criação Literária* (2006), em que ele define:

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada esta como sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente. (p.40).

Concluimos que o conto é uma narrativa curta e concisa que apresenta apenas uma célula dramática, se comparado ao romance que pode apresentar várias células dramáticas. Os espaços também não são variados, geralmente toda a história ocorre em poucos ou um único espaço.

Os contos analisados foram retirados do livro “Laços de família” que teve a primeira edição pela Editora Francisco Alves, em 1960. O livro teve recepção positiva da crítica literária brasileira, recebendo, em 1961, o Prêmio Jabuti de Literatura na categoria de contos, crônicas e novelas. Notamos assim que, nos contos estudados, toda a história se dá por conflitos unicamente vividos pelas personagens principais, A ação é externa e também interna, pois os conflitos estão interiorizados nessas personagens.

2.1. Feminismo no Brasil e a escrita de Lispector

O movimento feminista surge em 1848 na convenção dos direitos da mulher em Nova Iorque. Já no Brasil, os primeiros movimentos feministas se dão entre as décadas de 1930 e 1960, as manifestações feministas oscilavam mediante as mudanças desenvolvidas no cenário político nacional.

Para pensarmos sobre o feminismo, retomamos as palavras de Teles no livro *Breve História do Feminismo Brasil* (1993) que nos afirma:

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e as camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas. (p.10).

“o feminismo tem também um caráter humanista: busca a libertação das mulheres e dos homens, pois este tem sido vítimas do mito do macho, que os coloca como falsos depositários do supremo poder, força e inteligência.” (Ibid., p. 11).

Pensamos que feminismo não visava apenas a um grupo de pessoas ou classes sociais, o foco deste movimento estava na igualdade entre os sexos, independentemente de classe social, etnia e outros aspectos. A visão feminista era a de igualdade entre homens e mulheres, um não deveria estar num patamar acima ou abaixo do outro, mas ambos caminharem lado a lado. Fazendo, assim, estabelecer a relação entre seres humanos e não entre homem (provedor, ser superior) e mulher (submissa, ser inferior).

Embora Clarice não fosse feminista, a sua escrita está muito ligada ao feminismo, ou seja, uma escrita que compartilhava dos mesmos pensamentos, de ideias parecidas, de uma concepção de consciência das relações de gênero dessa hierarquia: Homem versus mulher, pois ela sempre deixou muito claro que era contra a prisão doméstica pela qual a mulher era submetida naquela época e muitas vezes até os dias de hoje.

As feministas acolheram a escrita de Clarice por falar de maneira real como a mulher era tratada, a autora não fazia uso de disfarces para expor a sua opinião e suas ideias.

Durante muito tempo, as mulheres estiveram “condenadas”, “aprisionadas” ao ambiente doméstico. A figura feminina sempre foi vista como um ser incapaz de tomar as próprias decisões, cabendo apenas ao homem o poder e a autoridade que foi então transformada em postura de autoritarismo.

A mulher era criada e educada para ser submissa, ser mãe e cuidar dos afazeres domésticos. A sexualidade feminina não era levada em conta, pois a mulher deveria satisfazer os desejos sexuais mais primitivos do homem, sem ter a chance de poder usufruir da mesma sensação, pois o único papel que ela poderia concluir com êxito e glória era o de ser mãe. O corpo era visto como objeto de prazer do marido (profano) em oposição com o templo onde seria gerado um novo ser (sagrado). Sabemos que Clarice não era uma mulher comum, portanto não se encaixava nos padrões estabelecidos pela sociedade da época. Lutava pelos direitos e igualdade entre os sexos. Nesses treze contos que encontramos no livro “Laços de família”, a autora deixa bem claro como a mulher era vista pela sociedade machista da época,

a figura feminina estava sempre vinculada à maternidade, à submissão, a uma mulher doce e prezada que cuidasse do lar, não podendo trabalhar, pois era vista como inferior ao homem. Nos dois contos que foram analisados, percebemos a injusta forma com que as mulheres eram tratadas e os sofrimentos que enfrentavam, caracterizados por conflitos interiores.

2.2 A crítica literária

Ao lermos o livro *A mulher escrita (1989)*, as autoras concluem sobre a escrita de Lispector:

...esse estranho familiar é assinalado pela inquietante aproximação que se verifica entre as personagens de Clarice e a própria autora, seja quando se refere as suas narrativas quase sem enredo, que parecem se constituir de um ajuntamento aleatório de folhas soltas [...], o lugar de Clarice no panorama da literatura brasileira parece se definir como um lugar atópicos, que levaria o crítico Alceu Amoroso Lima (ap. Gotlib, 1997, p.434) a declarar que ela ‘estava numa trágica solidão nas letras brasileiras’ e o escritor Guimarães Rosa a fazer questão de separar os textos de Clarice do universo classificável da literatura,... (BRANCO; BRANDÃO, p.202)

Como já foi dito no capítulo anterior a questão desse estranho familiar se aproxima muito entre Lispector e as personagens, por tratar de assuntos que estão diretamente ligados à existência humana e ligados à própria autora. Clarice não escrevia apenas sobre a Literatura em si, mas sobre a vida, sobre o modo em que vivemos da maneira em que vamos enfrentar nossas adversidades e poder encontrar o nosso lugar no mundo. Notamos que essa busca nunca terá um final, pois a vida é algo indecifrável assim como Lispector.

Guimarães Rosa em uma conversa com Lispector a elogia, o que reforça afirmarmos que a escrita dessa autora por se tratar de assuntos ligados ao cotidiano pode ser considerada uma Literatura utilizada para a vida.

Conversa: Clarice e Guimarães

“Um dos elogios mais bonitos que recebi na minha vida foi o de Guimarães Rosa, que se pôs de repente a dizer de cor trechos de livros meus. Achei vagamente conhecido aquilo e disse:

_ Que é isso?

_ É seu.

_Você sabe de cor?

_ Clarice, leio você para a vida, não leio você para a literatura.

“Foi compensador (Gotlib, 1995, p.444).” (ibid., p. 203)

3. Anita “Feliz Aniversário”

Trata-se de um conto que traz em sua temática os conflitos que ocorrem nas relações familiares, percebemos também os problemas que são vivenciados por algumas mulheres idosas. A personagem Anita observa tudo à sua volta, e o comportamento de seus familiares é algo que a incomoda muito, fazendo com que ela sinta repulsa e ódio por cada um deles. O incômodo é tão grande que Anita não consegue mais conter toda a sua indignação, por fim acaba extravasando todos aqueles sentimentos e frustrações através de xingamentos e atitudes agressivas: “... explodiu amarga a aniversariante. — Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas!”. (LISPECTOR, 1998, p.62).

Em certo momento, Anita chega a cuspir no chão, porém as pessoas ao redor a julgam como se não estivesse em plenitude das capacidades mentais, porém percebemos que a personagem se aproveita da sua condição para fazer aquilo que ela bem entende sem temer levar uma represália:

Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão. (ibid., p.60,61).

Ao cuspir a personagem Anita tem o seu momento de epifania (revelação, transformação), a saliva pode ter o poder de curar, no caso dessa personagem, trata-se da própria cura interior:

A saliva é considerada um símbolo da criatividade e da destruição. No interior úmido da boca, a saliva seria uma espécie de semente da palavra, seria uma secreção natural com a capacidade de curar ou corromper, unir ou dissolver, aplacar ou ofender... Na mitologia encontramos muitos personagens gerados pela saliva de heróis e deuses.

<<http://www.significadodossimbolos.com.br>>

Embora a personagem estivesse com várias pessoas da família o que poderia remeter à ideia de coletividade, o momento de transformação é individual, ocorre no interior da personagem, é o encontro do “eu” consigo mesmo.

No trecho supracitado, fica bem claro a transformação vivida pela personagem, que dificilmente opinava, ao “xingar” e cuspir no chão ela encontra a liberdade, porém os familiares a julgam como se ela tivesse se tornado criança, o que é comum em algumas pessoas com idade avançada, não no caso de D. Anita.

Esse momento pode ser caracterizado como o mais importante no conto, pois chamamos de Epifania, ou seja, é o momento em que a personagem liberta-se, desprende-se de toda aquela carga negativa que estava interiorizada, como se fosse uma borboleta que se desliga do casulo e se transforma em algo belo. Existe liberdade, ela já não se encontra presa em um ambiente fechado. Anita já não é a mesma.

No livro *A Teoria do conto* (1995) Gotlib define a epifania como:

Um dos momentos especiais é concebido como o que se chama epifania. Epifania, tal como a concebeu James Joyce, é identificada como uma espécie ou grau de apreensão do objeto que poderia ser identificada como objetivo do conto, enquanto uma forma de representação da realidade. [...], epifania é ‘ uma manifestação espiritual súbita’, em que o objeto se desvenda ao sujeito. (p.51).

Percebemos que há a degradação humana, pois a Anita tanto lutou no decorrer de toda a sua vida e agora já não tinha mais saída a não ser aceitar aquele ameaçador destino, porém ela já não era a mesma. Após o momento de epifania, a personagem opina e expõe as suas vontades:

“— Me dá um copo de vinho! disse.” (LISPECTOR, 1998, p.61).

Podemos classificá-la como uma personagem complexa, pois ela surpreende o leitor e no decorrer do conto muda de comportamento.

Fizemos a leitura da obra *Gêneros Literários* (2005) de Soares em que ela conclui: “As personagens funcionam, segundo o teórico francês Roland Barthes, como agentes da narrativa. Isto porque depende delas o sentido das ações que compõem a trama.” (p.46).

Brait em seu livro *A personagem* (1985), nos revela:

“ Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos...” (p. 45).

Sabemos que ambas as personagens passam por conflitos e momentos angustiantes, elas são tomadas por um momento revelador, onde ocorre a transformação e a cura de cada uma dessas personagens.

Foco Narrativo

Em ambos os contos, a focalização é onisciente, narrado em 3ª pessoa, e o ponto de vista do narrador é subjetivo, pois, embora ele não opine, podemos perceber que há um envolvimento (emoções) com as personagens.

Moisés em *A criação literária* (2006) nos explica sobre o foco narrativo:

“acompanha as personagens a todos os lugares, penetra-lhes na intimidade, como um aguçadíssimo olho secreto devassa-lhes o mundo psicológico, esquadrinha-lhes o labirinto do inconsciente, conhece-lhes, enfim, as mínimas palpitações.” (p. 70).

O narrador de ambos os contos Sabem tudo sobre as personagens, conhece seus segredos mais íntimos e embora não participe da narrativa se envolve sentimentalmente com as mesmas.

Mesmo nos casos em que o autor utiliza o foco narrativo de primeira pessoa, ou de terceira pessoa aparente..., está presente um interlocutor, quando pouco oculto ou subjacente. Do contrário, não haveria conflito, que pressupõe uma tensão dialética entre opostos. Alguns dos contos de Clarice Lispector ilustram a perfeição essa contingência, ao surpreender as personagens nos instantes em que mergulhado na introspecção, trava um diálogo com um ‘outro’ seu oponente ou interlocutor. (ibid., p.51).

No livro *Espaço e Ambientação* (1994), Dimas nos esclarece sobre a ambientação:

“Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente.” (p.20).

O conto é ambientado no Rio de Janeiro, é um espaço urbano, no bairro de Copacabana. A festa acontece no apartamento da filha, um local de difícil acesso, com escadas, pouca iluminação, o que já denuncia a situação da personagem Anita e de seus familiares. A festa de aniversário parecia um enterro, as pessoas não estavam presentes para uma comemoração que remete à felicidade, mas sim por uma obrigação, por isso cada vez mais esses encontros anuais se tornavam ainda mais fúteis, medíocres e rodeados de gente de mentira.

“Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha.” (LISPECTOR, 1998, p.59).

Notamos que o espaço físico está amalgamado ao espaço psicológico que remete a prisão da própria personagem, pois ela vivia em um ambiente desconhecido, onde nada pertencia a ela, nem mesmo as suas ações, pois ela tinha que fazer tudo para agradar aos seus

familiares. Tudo o que ela possuía eram os pensamentos, esses, sim eram seus. A matriarca é tratada como se já estivesse morta, pois ela não tem voz e não pode ter vontades próprias.

A história se passa em um ambiente doméstico, que está ligado à simplicidade, ao comum, a fatos que acontecem na vida real (íntimo) e estão ligados ao nosso cotidiano. O ambiente fechado revela-nos não apenas o espaço físico onde tudo ocorre, mas também o estado psicológico das personagens, especialmente de D. Anita que vivia limitada. Por ser uma senhora idosa, ela já não era bem quista pelos familiares. O aniversário não era algo positivo pelo contrário se transformou em algo muito negativo. Ressaltando que quando vamos ao aniversário de alguma pessoa, mesmo que não seja da família, trata-se de uma reunião para celebrar a vida, porém no conto o aniversário tem o peso de um velório, só que na festa os familiares estão descontentes, nos perguntamos: E se fosse o velório de D. Anita, como agiriam estes mesmos familiares? Podemos concluir que eles se sentiriam aliviados e até chegariam a concluir de maneira muito irônica que D. Anita agora pudera descansar em paz, sendo que quem precisava de ‘descanso’ eram eles mesmos. A condição de D. Anita também denuncia a forma de como as mulheres sempre foram vistas como inferiores ao homem, pois a sociedade sempre valorizou o patriarca da casa, mas nesse caso a matriarca encontra-se rebaixada e mais uma vez a mulher “mãe” fala mais alto:

...como tendo sido tão forte pudera dar á luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. (LISPECTOR, 1998, p.60).

Em certo momento ela pede vinho, porém é ignorada:

“— Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão. — Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.” (LISPECTOR, 1998, p.61, 62).

Mas, e se fosse ao contrário: No lugar de D. Anita tivéssemos a presença de uma figura masculina, será que o pai teria sido questionado e privado do direito de beber o vinho? Será que as suas vontades não seriam respeitadas? Isso nos remete a questões machistas que sempre impuseram que a mulher é um ser que está abaixo do homem e que a mulher não poderia estar no controle das situações.

Segundo Sartre (1970) e o pensamento existencialista Deus não existe, logo somos livres e responsáveis por aquilo que atraímos, seja algo negativo ou positivo. Se Deus não existe, eu sou o único responsável pelas minhas escolhas e as consequências das mesmas. A responsabilidade da nossa existência e do que será feito dela é só nossa. Trata-se da busca do ser humano por ele mesmo, do encontro particular do “eu” comigo mesmo. Isso acontece no caso de D. Anita, pois ela opta pela transformação e não aceita mais continuar naquela mesma condição em que vivia, onde ela não podia opinar.

3.1 A personagem do conto “O búfalo”

Trata-se de um conto que traz em sua temáticas as relações amorosas, as frustrações vividas por uma mulher que é desprezada pelo homem que ela ama.

A personagem principal não é nomeada, o que remete à coletividade, ou seja, essa mulher pode ser qualquer mulher que está inserida na sociedade. Muitas mulheres podem ser encaixadas no perfil dessa personagem que está em busca da própria identidade, libertação do medo, do total controle sobre seus corpos e mentes e a aceitação da sexualidade. Notamos que a personagem usa um casaco marrom, esta cor está relacionada à repressão emocional, ao desconhecido, pois a própria personagem não consegue se definir.

Ela se encontra numa busca incessante pelo próprio “eu”. Ela se sente triste e inferior por não ter um par amoroso e em seu passeio ao zoológico busca uma resposta para tal infelicidade. Podemos vincular toda essa tristeza à própria repressão sexual que a mulher sofria e a maneira de como era vista que já foi citada anteriormente, pois a ela não tinha poder sobre o seu próprio corpo, sendo muitas vezes privada do prazer sexual, sendo que este era apenas concedido ao homem, assim como a personagem do conto que é ignorada pelo homem, nos demonstra que o poder está apenas na figura masculina: “A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico.” (LISPECTOR, 1998, p.126).

O espaço físico transforma-se em uma ambientação psicológica, pois ela faz uma viagem interior, trata-se de uma busca pela própria identidade, pois essa personagem encontra-se perdida. O desespero é tão grande que ela interpela à uma figura mística: “Oh, Deus, quem será meu par neste mundo?”. (ibid., p.128).

Isso nos demonstra a fragilidade pela qual se encontrava a mulher e tudo o que ela queria era apenas odiar.

De maneira análoga, suas personagens parecem encurraladas entre duas formas de amor: uma, a que Lacan chamaria de ‘amor fusional’, [...] aquela que faz barreira no inconsciente, buscando obturar o vazio deixado pela inexistência da relação sexual; e outra, [...], mostrando que ‘amar é dar o que não se tem’. (BRANCO; BRANDÃO, 1989, p.188).

O próprio zoológico, que é onde tudo acontece nos revela o estado da personagem, que ao ver os animais enjaulados, se vê aprisionada a uma figura masculina que a desprezou. Sem ele, a personagem não consegue se enxergar, pois estava totalmente dependente e vivia em função do mesmo.

O espaço psicológico está ligado à libertação e ao ódio, pois ela o quer odiar, e por isso, vai ao zoológico, para observar a maneira com que os animais se comportam, ela, de certa forma, compara o homem a um animal, porém percebe que até mesmo entre os animais há gestos de afetividade: “Até o leão lambeu a testa glabra da leoa”. (LISPECTOR, 1998, p.126).

O momento de epifania é quando ela encontra o búfalo, enjaulado e solitário, esse momento também é transformador, pois ela se liberta, se encontra:

“Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo.” (ibid., p.134).

Isso nos demonstra a morte do velho eu e o renascimento de um novo ser, até porque a personagem desmaia. Podemos classificá-la como uma personagem complexa, porque ela muda de comportamento e de forma inesperada surpreende o leitor:

“As personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor...” (BRAIT, 1985, p. 41).

3.2 O estranho, o estrangeiro, o desconhecido nas personagens estudadas:

Em relação ao estrangeiro:

A desestabilização da narrativa constrói-se paralelamente à desestruturação de uma noção clássica de sujeito, que privilegia a consciência e o consciente como a mais decisiva esfera de categorização tanto do sujeito quanto da subjetividade. Ao sujeito unitário, centrado em si mesmo, visto como totalidade e origem de um saber

absoluto[...] Clarice Lispector contrapõe um sujeito instável, dessemelhante de si, em processo”. (COSTA, 2010, p.5)

Revela-nos algo que está interiorizado, que é desconhecido por nós e também por aqueles que nos cercam. Seria a própria busca por uma identidade, a incessante luta de se encontrar. As oposições estão muito claras neste conto, até mesmo quando aparecem os balões, alguns escritos: “Feliz Aniversário” noutros “*Happy Birthday*”, isso já nos demonstra a estranheza, desunião familiar. Ao cantar parabéns, uns cantam em português, outros em inglês, isso causa uma impressão que aquela família esta desencontrada.

Já a personagem do conto o búfalo está perdida e sem esperanças, devido à rejeição sofrida. Tudo o que ela buscava era aprender a odiar aquele a quem a desprezou, mas se ela o amava por que queria odiá-lo? Ela precisava odiá-lo para poder suprir a falta, a necessidade de precisar do outro para que pudesse ser feliz. Também percebemos oposições: Amor versus Ódio, embora normalmente o amor seja vinculado a algo bom, nesse conto ele é visto como algo ruim (negativo, repressor) e o ódio toma o lugar de algo positivo e libertador: “...Mas isso é amor, é amor de novo, revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio, mas era primavera e dois leões se tinham amado.” (LISPECTOR, 1998, p.126).

Outra oposição seria tristeza versus primavera. Geralmente a primavera é um a estação colorida, que dá uma ideia de felicidade, de romantismo.

É primavera o que nos remete a uma estação romântica e a personagem se encontra triste e rejeitada pelo par amoroso.

Sabemos que o búfalo é um animal de origem asiática, nativo da África (não domesticado). É considerado um animal selvagem, podendo até vencer uma luta contra leões, que são considerados o rei da selva. Uma curiosidade o búfalo esta entre os cinco animais mais difíceis de ser capturado ou caçado. Podemos relacionar ao estrangeiro, aquilo que é desconhecido, a mulher encontra no búfalo aquilo que o homem que a rejeitou representava pra ela, pois era um amor impossível.

No conto o búfalo representa a figura de algo estrangeiro, desconhecido; pode ser comparada a estranheza que habita dentro da própria personagem. A personagem do conto O búfalo procura no espaço físico do zoológico que está ligado ao natural, à vida como acontece sem modificações, uma forma de odiar o par amoroso que a despreza, nesse caso o ódio é o único modo dela poder se libertar. Em várias tentativas ela se frustra, pois o amor está por todos os lados, ainda mais porque era primavera. O momento em que ocorre a epifania, a transformação, a libertação da personagem é quando ela encontra o búfalo, pois a solidão em

que ele se encontrava era algo que remetia à própria solidão da personagem. Embora o título do conto seja visto como uma metáfora, ao analisarmos trata-se de uma questão muito mais profunda, o búfalo simboliza a parte desconhecida da mulher, podemos dizer que é o encontro dela com ela mesma, na sua mais pura essência.

Algumas Comparações:

Ambientação (espaço psicológico) está ligada ao que o espaço físico (casa, apartamento, zoológico, cinema) ocasiona no personagem. (subjetivismo).

Espaços físicos (concretos)

Apartamento no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro: Espaço urbano, fechado que remete à individualidade. É nesse espaço que D. Anita se vê enclausurada. O apartamento é de difícil acesso (escadas), com pouca iluminação que denuncia o estado emocional da personagem, pois se encontra perdida em um mundo que não é o dela. Notamos que geralmente apartamento é um lugar pequeno que está ligado ao desconforto da personagem, o sufocamento de D. Anita por estar numa condição nada agradável.

Zoológico: Espaço público, aberto que remete à coletividade.

A personagem clariceana escolhe o zoológico para se refugiar de toda aquela tristeza e angústia que estão aprisionadas dentro dela. Por se tratar de um local público e aberto pode ser ligado à coletividade que nos remete a refletir sobre muitas outras mulheres que se encontram na mesma situação que a dela, por ter sido rejeitada por um par amoroso. Ela se vê perdida e opta por estar em contato com os animais e a natureza como se fosse um refúgio, uma válvula de escape. A mulher só queria aprender a odiar.

Tempo cronológico e o Tempo Psicológico

O tempo cronológico é aquele que pode ser medido pelo relógio (horas) ou pelo calendário (dias, semanas, meses, anos). É o tempo concreto que vivenciamos no mundo real.

Em ambos os contos as personagens se encontram em constante confusão e conflitos interiores, esse turbilhão de sensações e emoções se dá por meio de um dia. As personagens principais ao viverem o momento de epifania se transformam e se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lispector fala das emoções, do mundo, fala de tudo aquilo que está ligado aos conflitos interiores, por isso sua linguagem se tornou universal, pois nós seres humanos estamos suscetíveis a amar, sofrer, odiar e etc. São questões que estão ligadas enraizadas no estilo literário de Clarice. Em suas obras observamos a epifania que se manifesta como uma revelação que ocorre no cotidiano dessas personagens, encerrando um ciclo e iniciando outro, uma nossa fase, que ocorrem com as duas personagens principais. Assim também como era a vida da própria escritora e a nossa própria vida é. Nada é eterno, nada é estável, o tempo todo, a cada minuto o mundo se transforma, nós somos mutantes que estamos em constante mudança (adaptação). Por isso essa preocupação em tentar se encontrar, em saber quem sou eu no mundo? Qual o lugar que devo ocupar?

O mais incrível na obra de Clarice, especialmente nesses dois contos que foram estudados, é a questão do tempo cronológico. Ao lermos os contos, concluimos que tudo acontece em apenas um dia. Em apenas 24 horas as personagens clariceanas, se veem perdidas e presas em seus mundos interiores, o tempo psicológico é tão significativo quanto o cronológico, porém estão em grande oposição:

Tempo Cronológico: Tudo acontece em apenas um dia, ou seja, o tempo é curto.

Tempo Psicológico: Turbilhões de sensações, sentimentos e pensamentos que remetem ao leitor deduzir que a narrativa se dá em um grande espaço de tempo e intervalo, são muitas questões e conflitos para uma só personagem que os vivencia em apenas um dia. A transformação, o renascimento das personagens estão ligadas também ao tempo psicológico, embora desde o início até o meio dos contos, ambas as personagens se encontrem fracas e perdidas, ao caminhar para o final do conto essas mesmas personagens que eram vistas de forma frágil e desconstruídas passam por um momento de epifania e profunda reflexão. Conseguem todas as respostas que precisavam e resgatam ou melhor se encontram dentro delas mesmas.

No conto “O búfalo” a dor torna-se indolor porque apesar de tanto sofrimento, tanta repressão, a personagem consegue essa liberdade e isto ocorreu e ainda ocorre com a mulher na sociedade. Podemos enfatizar o poder da figura feminina, mesmo em meio a tanto preconceito, a uma sociedade machista que estipula até como deve ser o corpo da mulher como um padrão único de beleza. A força feminina se sobressai e mesmo que cada uma de

nós mulheres vivenciemos a mesma situação de D. Anita ou até mesmo da mulher do conto “O búfalo” teremos totais condições de uma mudança e transformação positiva, como já citamos cabe a nós decidirmos que personagem iremos ser. Como dizia Clarice “O destino de uma mulher é ser mulher.” Não essa imposta pela sociedade e sim a mulher que ela mesma foi.

Podemos concluir que a escrita de Clarice não foi direcionada para o século XX apenas, mas para qualquer tempo, seja ele antigo, moderno ou pós moderno. Notamos que os assuntos abordados em sua narrativa são de interesse geral, não são destinados a uma certa classe social, mas ela aborda temas que estão ligados não apenas a mulher e sim ao ser humano de um modo geral. Trata-se de uma escrita que aborda temas ligados ao cotidiano. Nós em pleno século XXI vivenciamos os mesmos conflitos das personagens clariceanas e nos encontramos em uma eterna busca por nossas identidades, assim como a literatura (não literatura) de Clarice, continuará em circularidade, ou seja, como algo que nunca se finda, que nunca termina: “Sou sempre eu mesma, mas com certeza nunca serei a mesma para sempre” (Lispector).

REFERÊNCIAS

BRANCO, Lucia Castello. BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004.

CANDIDO, Antonio. GOMES, Paulo Emilio Sales. PRADO, Décio de Almeida. ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de ficção**. Debates literatura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

COSTA, Carlos Augusto C. **Estrangeiridade e constituição do sujeito no conto *O Búfalo*, de Clarice Lispector**, 2010.

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. 7ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

JUNIOR, Benjamin Abdala. **Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: Coincidências e equívocos**. Estudos Avançados 24 (70), 2010.

LEITE MORAES, Ligia Chiappini. **O Foco Narrativo**. 6.ed. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**, 20ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.

PEREIRA, L. S. O estranho. C. da APPOA, Porto Alegre, n. 157, maio 2007.

SARTRE, Jean Paul. **L'Existencialisme est un Humanisme**, Lés Éditions Nagels, Paris, 1970. O Existencialismo é um Humanismo Jean Paul Sartre Tradutora: Rita Correia Guedes.

TELES ALMEIDA, Maria Amélia de. **Breve História do Feminismo no Brasil**. 1.ed. São Paulo. Ed. Brasiliense s.a, 1993.

Disponível em <www.e-biografias.net/clarice_lispector/> acesso em 10/10/2013

Disponível em <www.mundoeducacao.com/artes/significadodascores.html> acesso em 09/08/2013

Disponível em: <www.significadodossimbolos.com.br> acesso em 12/09/2013

ANEXO

O Búfalo

Mas era primavera. Até o leão lambeu a testa glabra da leoa. Os dois animais louros. A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico. Depois o leão passeou enjubado e tranqüilo, e a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge. "Mas isso é amor, é amor de novo", revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio mas era primavera e dois leões se tinham amado. Com os punhos nos bolsos do casaco, olhou em torno de si, rodeada pelas jaulas, enjaulada pelas jaulas fechadas. Continuou a andar. Os olhos estavam tão concentrados na procura que sua vista às vezes se escurecia num sono, e então ela se refazia como na frescura de uma cova.

Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas. Com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa. A mulher do casaco marrom desviou os olhos, doente, doente. Sem conseguir — diante da aérea girafa pousada, diante daquele silencioso pássaro sem asas — sem conseguir encontrar dentro de si o ponto pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto de ódio, ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer. Mas não diante da girafa que mais era paisagem que um ente. Não diante daquela carne que se distraía em altura e distância, a girafa quase verde. Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar. O hipopótamo, o hipopótamo úmido. O rolo roliço de carne, carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda. Não. Pois havia tal amor humilde em se manter apenas carne, tal doce martírio em não saber pensar. Mas era primavera, e, apertando o punho no bolso do casaco, ela mataria aqueles macacos em levitação pela jaula, macacos felizes como ervas, macacos se entrepulando suaves, a macaca com olhar resignado de amor, e a outra macaca dando de mamar. Ela os mataria com quinze secas balas: os dentes da mulher se apertaram até o maxilar doer. A nudez dos macacos. O mundo que não via perigo em ser nu. Ela mataria a nudez dos macacos. Um macaco também a olhou segurando as grades, os braços descarnados abertos em crucifixo, o peito pelado exposto sem orgulho. Mas não era no peito que ela mataria, era entre os olhos do macaco que ela mataria, era entre aqueles olhos que a olhavam sem pestanejar. De repente a mulher desviou o rosto: é que os olhos do macaco tinham um véu branco gelatinoso cobrindo a pupila, nos olhos a doçura da doença, era um macaco velho — a mulher desviou o rosto, trancando entre os dentes um sentimento que ela não viera buscar, apressou os passos, ainda voltou a cabeça espantada para o macaco de braços abertos: ele continuava a olhar para a frente. "Oh não, não isso", pensou. E enquanto fugia, disse: "Deus, me ensine somente a odiar."

"Eu te odeio", disse ela para um homem cujo crime único era o de não amá-la. "Eu te odeio", disse muito apressada. Mas não sabia sequer como se fazia. Como cavar na terra até encontrar a água negra, como abrir passagem na terra dura e chegar jamais a si mesma? Andou pelo Jardim Zoológico entre mães e crianças. Mas o elefante suportava o próprio peso. Aquele elefante inteiro a quem fora dado com uma simples pata esmagar. Mas que não esmagava. Aquela potência que no entanto se deixaria docilmente conduzir a um circo, elefante de crianças. E os olhos, numa bondade de velho, presos dentro da grande carne herdada. O elefante oriental. Também a primavera oriental, e tudo nascendo, tudo escorrendo pelo riacho. A mulher então experimentou o camelo. O camelo em trapos, corcunda, mastigando a si próprio, entregue ao processo de conhecer a comida. Ela se sentiu fraca e cansada, há dois dias mal comia. Os grandes cílios empoeirados do camelo sobre olhos que se tinham dedicado à paciência de um artesanato interno. A paciência, a paciência, a paciência, só isso ela encontrava na primavera ao vento. Lágrimas encheram os olhos da mulher, lágrimas que não

correram, presas dentro da paciência de sua carne herdada. Somente o cheiro de poeira do camelo vinha de encontro ao que ela viera: ao ódio seco, não a lágrimas. Aproximou-se das barras do cercado, aspirou o pó daquele tapete velho onde sangue cinzento circulava, procurou a tepidez impura, o prazer percorreu suas costas até o mal-estar, mas não ainda o mal-estar que ela viera buscar. No estômago contraiu-se em cólica de fome a vontade de matar. Mas não o camelo de estopa. "Oh Deus, quem será meu par neste mundo?" Então foi sozinha ter a sua violência. No pequeno parque de diversões do Jardim Zoológico esperou meditativa na fila de namorados pela sua vez de se sentar no carro da montanha-russa. E ali estava agora sentada, quieta no casaco marrom. O banco ainda parado, a maquinaria da montanha-russa ainda parada. Separada de todos no seu banco, parecia estar sentada numa Igreja. Os olhos baixos viam o chão entre os trilhos. O chão onde simplesmente por amor — amor, amor, não o amor! — onde por puro amor nasciam entre os trilhos ervas de um verde leve tão tonto que a fez desviar os olhos em suplício de tentação. A brisa arrepiou-lhe os cabelos da nuca, ela estremeceu recusando, em tentação recusando, sempre tão mais fácil amar.

Mas de repente foi aquele vôo de vísceras, aquela parada de um coração que se surpreende no ar, aquele espanto, a fúria vitoriosa com que o banco a precipitava no nada e imediatamente a soerguia como uma boneca de saia levantada, o profundo ressentimento com que ela se tornou mecânica, o corpo automaticamente alegre — o grito das namoradas! — seu olhar ferido pela grande surpresa, a ofensa, "faziam dela o que queriam", a grande ofensa — o grito das namoradas! — a enorme perplexidade de estar espasmodicamente brincando faziam dela o que queriam, de repente sua candura exposta. Quantos minutos? os minutos de um grito prolongado de trem na curva, e a alegria de um novo mergulho no ar insultando-a com um pontapé, ela dançando descompassada ao vento, dançando apressada, quisesse ou não quisesse o corpo sacudia-se como o de quem ri, aquela sensação de morte às gargalhadas, morte sem aviso de quem não rasgou antes os papéis da gaveta, não a morte dos outros, a sua, sempre a sua. Ela que poderia ter aproveitado o grito dos outros para dar seu urro de lamento, ela se esqueceu, ela só teve espanto.

E agora este silêncio também súbito. Estavam de volta à terra, a maquinaria de novo inteiramente parada.

Pálida, jogada fora de uma Igreja, olhou a terra imóvel de onde partira e aonde de novo fora entregue. Ajeitou as saias com recato. Não olhava para ninguém. Contrita como no dia em que no meio de todo o mundo tudo o que tinha na bolsa caíra no chão e tudo o que tivera valor enquanto secreto na bolsa, ao ser exposto na poeira da rua, revelara a mesquinha de uma vida íntima de precauções: pó de arroz, recibo, caneta-tinteiro, ela recolhendo no meio-fio os andaimes de sua vida. Levantou-se do banco estonteada como se estivesse se sacudindo de um atropelamento. Embora ninguém prestasse atenção, alisou de novo a saia, fazia o possível para que não percebessem que estava fraca e difamada, protegia com altivez os ossos quebrados. Mas o céu lhe rodava no estômago vazio; a terra, que subia e descia a seus olhos, ficava por momentos distante, a terra que é sempre tão difícil. Por um momento a mulher quis, num cansaço de choro mudo, estender a mão para a terra difícil: sua mão se estendeu como a de um aleijado pedindo. Mas como se tivesse engolido o vácuo, o coração surpreendido. Só isso? Só isto. Da violência, só isto.

Recomeçou a andar em direção aos bichos. O quebranto da montanha-russa deixara-a suave. Não conseguiu ir muito adiante: teve que apoiar a testa na grade de uma jaula, exausta, a respiração curta e leve. De dentro da jaula o quati olhou-a. Ela o olhou. Nenhuma palavra trocada. Nunca poderia odiar o quati que no silêncio de um corpo indagante a olhava. Perturbada, desviou os olhos da ingenuidade do quati. O quati curioso lhe fazendo uma pergunta como uma criança pergunta. E ela desviando os olhos, escondendo dele a sua missão

mortal. A testa estava tão encostada às grades que por um instante lhe pareceu que ela estava enjaulada e que um quati livre a examinava.

A jaula era sempre do lado onde ela estava: deu um gemido que pareceu vir da sola dos pés. Depois outro gemido.

Então, nascida do ventre, de novo subiu, implorante, em onda vagarosa, a vontade de matar — seus olhos molharam-se gratos e negros numa quase felicidade, não era o ódio ainda, por enquanto apenas a vontade atormentada de ódio como um desejo, a promessa do desabrochamento cruel, um tormento como de amor, a vontade de ódio se prometendo sagrado sangue e triunfo, a fêmea rejeitada espiritualizara-se na grande esperança. Mas onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ter o seu próprio ódio? o ódio que lhe pertencia por direito mas que em dor ela não alcançava? Onde aprender a odiar para não morrer de amor? E com quem? O mundo de primavera, o mundo das bestas que na primavera se cristianizam em patas que arranham mas não dói... oh não mais esse mundo! não mais esse perfume, não esse arfar cansado, não mais esse perdão em tudo o que um dia vai morrer como se fora para dar-se. Nunca o perdão, se aquela mulher perdoasse mais uma vez, uma só vez que fosse, sua vida estaria perdida — deu um gemido áspero e curto, o quati sobressaltou-se — enjaulada olhou em torno de si, e como não era pessoa em quem prestassem atenção, encolheu-se como uma velha assassina solitária, uma criança passou correndo sem vê-la. Recomeçou então a andar, agora pequena, dura, os punhos de novo fortificados nos bolsos, a assassina incógnita, e tudo estava preso no seu peito. No peito que só sabia resignar-se, que só sabia suportar, só sabia pedir perdão, só sabia perdoar, que só aprendera a ter a doçura da infelicidade, e só aprendera a amar, a amar, a amar. Imaginar que talvez nunca experimentasse o ódio de que sempre fora feito o seu perdão, fez seu coração gemer sem pudor, ela começou a andar tão depressa que parecia ter encontrado um súbito destino. Quase corria, os sapatos a desequilibravam, e davam-lhe uma fragilidade de corpo que de novo a reduzia a fêmea de presa, os passos tomaram mecanicamente o desespero implorante dos delicados, ela que não passava de uma delicada. Mas, pudesse tirar os sapatos, poderia evitar a alegria de andar descalça? Como não amar o chão em que se pisa? Gemeu de novo, parou diante das barras de um cercado, encostou o rosto quente no enferrujado frio do ferro. De olhos profundamente fechados procurava enterrar a cara entre a dureza das grades, a cara tentava uma passagem impossível entre barras estreitas, assim como antes vira o macaco recém-nascido buscar na cegueira da fome o peito da macaca. Um conforto passageiro veio-lhe do modo como as grades pareceram odiá-la opondo-lhe a resistência de um ferro gelado. Abriu os olhos devagar. Os olhos vindos de sua própria escuridão nada viram na desmaiada luz da tarde. Ficou respirando. Aos poucos recomeçou a enxergar, aos poucos as formas foram se solidificando, ela cansada, esmagada pela doçura de um cansaço. Sua cabeça ergueu-se em indagação para as árvores de brotos nascendo, os olhos viram as pequenas nuvens brancas. Sem esperança, ouviu a leveza de um riacho. Abaixou de novo a cabeça e ficou olhando o búfalo ao longe. Dentro de um casaco marrom, respirando sem interesse, ninguém interessado nela, ela não interessada em ninguém.

Certa paz enfim. A brisa mexendo nos cabelos da testa como nos de pessoa recém-morta, de testa ainda suada. Olhando com isenção aquele grande terreno seco rodeado de grades altas, o terreno do búfalo. O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. Depois passeou ao longe com os quadris estreitos, os quadris concentrados. O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais larga que o corpo impedia a visão do resto do corpo, como uma cabeça decepada. E na cabeça os cornos. De longe ele passeava devagar com seu torso. Era um búfalo negro. Tão preto que à distancia a cara não tinha traços. Sobre o negror a alvura erguida dos cornos.

A mulher talvez fosse embora mas o silêncio era bom no cair da tarde.

E no silêncio do cercado, os passos vagarosos, a poeira seca sob os cascos secos. De longe, no

seu calmo passeio, o búfalo negro olhou-a um instante. No instante seguinte, a mulher de novo viu apenas o duro músculo do corpo. Talvez não a tivesse olhado. Não podia saber, porque das trevas da cabeça ela só distinguia os contornos. Mas de novo ele pareceu tê-la visto ou sentido. A mulher apurou um pouco a cabeça, recuou-a ligeiramente em desconfiança. Mantendo o corpo imóvel, a cabeça recuada, ela esperou.

E mais uma vez o búfalo pareceu notá-la.

Como se ela não tivesse suportado sentir o que sentira, desviou subitamente o rosto e olhou uma árvore. Seu coração não bateu no peito, o coração batia oco entre o estômago e os intestinos. O búfalo deu outra volta lenta. A poeira. A mulher apertou os dentes, o rosto todo doeu um pouco.

O búfalo com o torso preto. No entardecer luminoso era um corpo enegrecido de tranqüila raiva, a mulher suspirou devagar. Uma coisa branca espalhara-se dentro dela, branca como papel, fraca como papel, intensa como uma brancura. A morte zumbia nos seus ouvidos. Novos passos do búfalo trouxeram-na a si mesma e, em novo longo suspiro, ela voltou à tona. Não sabia onde estivera. Estava de pé, muito débil, emergida daquela coisa branca e remota onde estivera. E de onde olhou de novo o búfalo.

O búfalo agora maior. O búfalo negro. Ah, disse de repente com uma dor. O búfalo de costas para ela, imóvel. O rosto esbranquiçado da mulher não sabia como chamá-lo. Ah! disse provocando-o. Ah! disse ela. Seu rosto estava coberto de mortal brancura, o rosto subitamente emagrecido era de pureza e veneração. Ah! instigou-o com os dentes apertados. Mas de costas para ela, o búfalo inteiramente imóvel.

Apanhou uma pedra no chão e jogou para dentro do cercado. A imobilidade do torso, mais negra ainda se aquietou: a pedra rolou inútil.

Ah! disse sacudindo as barras. Aquela coisa branca se espalhava dentro dela, viscosa como uma saliva. O búfalo de costas.

Ah, disse. Mas dessa vez porque dentro dela escorria enfim um primeiro fio de sangue negro. O primeiro instante foi de dor. Como se para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo. Ficou parada, ouvindo pingar como numa grota aquele primeiro óleo amargo, a fêmea desprezada. Sua força ainda estava presa entre barras, mas uma coisa incompreensível e quente, enfim incompreensível, acontecia, uma coisa como uma alegria sentida na boca. Então o búfalo voltou-se para ela.

O búfalo voltou-se, imobilizou-se, e à distância encarou-a.

Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impune era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo.

Enfim provocado, o grande búfalo aproximou-se sem pressa.

Ele se aproximava, a poeira erguia-se. A mulher esperou de braços pendidos ao longo do casaco. Devagar ele se aproximava. Ela não recuou um só passo. Até que ele chegou às grades e ali parou. Lá estavam o búfalo e a mulher, frente à frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos.

E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos. E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. De pé, em sono profundo. Olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo. A mulher tonteou surpreendida, lentamente meneava a cabeça. O búfalo calmo. Lentamente a mulher meneava a cabeça, espantada com o ódio com que o búfalo, tranqüilo de ódio, a olhava. Quase inocentada, meneando uma cabeça incrédula, a boca entreaberta. Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato. Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitiçada ao longo das grades. Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio a mulher viu o céu inteiro e um búfalo.

Feliz Aniversário Clarice Lispector

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados — e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.

Tendo Zilda — a filha com quem a aniversariante morava — disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada. "Vim para não deixar de vir", dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda — a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante — e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.

E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhará balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito "Happy Birthday!", em outros "Feliz Aniversário!" No centro havia disposto o enorme bolo açucarado. Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincar no vizinho para não desarrumar a mesa.

E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa. De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o vôo da mosca em torno do bolo.

Até que às quatro horas entrara a nora de Olaria e depois a de Ipanema.

Quando a nora de Ipanema pensou que não suportaria nem um segundo mais a situação de estar sentada defronte da concunhada de Olaria — que cheia das ofensas passadas não via um motivo para desfitar desafiadora a nora de Ipanema — entraram enfim José e a família. E mal eles se beijavam, a sala começou a ficar cheia de gente que ruidosa se cumprimentava como se todos tivessem esperado embaixo o momento de, em afobação de atraso, subir os três lances de escada, falando, arrastando crianças surpreendidas, enchendo a sala — e inaugurando a festa.

Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta á cabeceira. Tratava-se de uma velha grande,

magra, imponente e morena. Parecia oca.

— Oitenta e nove anos, sim senhor! disse José, filho mais velho agora que Jonga tinha morrido. — Oitenta e nove anos, sim senhora! disse esfregando as mãos em admiração pública e como sinal imperceptível para todos.

Todos se interromperam atentos e olharam a aniversariante de um modo mais oficial. Alguns abanaram a cabeça em admiração como a um recorde. Cada ano vencido pela aniversariante era uma vaga etapa da família toda. Sim senhor! disseram alguns sorrindo timidamente.

— Oitenta e nove anos!, ecoou Manoel que era sócio de José. É um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa.

A velha não se manifestava.

Alguns não lhe haviam trazido presente nenhum. Outros trouxeram saboneteira, uma combinação de jérsei, um broche de fantasia, um vasinho de cactos — nada, nada que a dona da casa pudesse aproveitar para si mesma ou para seus filhos, nada que a própria aniversariante pudesse realmente aproveitar constituindo assim uma economia: a dona da casa guardava os presentes, amarga, irônica

— Oitenta e nove anos! repetiu Manoel aflito, olhando para a esposa.

A velha não se manifestava.

Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por apetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome. O ponche foi servido, Zilda suave, nenhuma cunhada ajudou propriamente, a gordura quente dos croquetes dava um cheiro de piquenique; e de costas para a aniversariante, que não podia comer frituras, eles riam inquietos. E Cordélia? Cordélia, a nora mais moça, sentada, sorrindo.

— Não senhor! respondeu José com falsa severidade, hoje não se fala em negócios!

— Está certo, está certo! recuou Manoel depressa, olhando rapidamente para sua mulher que de longe estendia um ouvido atento.

— Nada de negócios, gritou José, hoje é o dia da mãe!

Na cabeceira da mesa já suja, os copos maculados, só o bolo inteiro — ela era a mãe. A aniversariante piscou os olhos.

E quando a mesa estava imunda, as mães enervadas com o barulho que os filhos faziam, enquanto as avós se recostavam complacentes nas cadeiras, então fecharam a inútil luz do corredor para acender a vela do bolo, uma vela grande com um papelzinho colado onde estava escrito "89". Mas ninguém elogiou a idéia de Zilda, e ela se perguntou angustiada se eles não estariam pensando que fora por economia de velas — ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado. Então acenderam a vela. E então José, o líder, cantou com muita força, entusiasmando com um olhar autoritário os mais hesitantes ou surpreendidos, "vamos! todos de uma vez!" — e todos de repente começaram a cantar alto como soldados. Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbaforida. Como não haviam combinado, uns cantaram em português e outros em inglês. Tentaram então corrigir: e os que haviam cantado em inglês passaram a português, e os que haviam cantado em português passaram a cantar bem baixo em inglês.

Enquanto cantavam, a aniversariante, à luz da vela acesa, meditava como junto de uma lareira.

Escolheram o bisneto menor que, debruçado no colo da mãe encorajadora, apagou a chama com um único sopro cheio de saliva! Por um instante bateram palmas à potência inesperada do menino que, espantado e exultante, olhava para todos encantado. A dona da casa esperava com o dedo pronto no comutador do corredor - e acendeu a lâmpada.

— Viva mamãe!

— Viva vovó!

— Viva D. Anita, disse a vizinha que tinha aparecido.

— Happy birthday! gritaram os netos, do Colégio Bennett.

Bateram ainda algumas palmas ralas.

A aniversariante olhava o bolo apagado, grande e seco.

— Parta o bolo, vovó! disse a mãe dos quatro filhos, é ela quem deve partir! assegurou incerta a todos, com ar íntimo e intrigante. E, como todos aprovassem satisfeitos e curiosos, ela se tornou de repente impetuosa: — parta o bolo, vovó!

E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.

— Que força, segredou a nora de Ipanema, e não se sabia se estava escandalizada ou agradavelmente surpreendida. Estava um pouco horrorizada.

— Há um ano atrás ela ainda era capaz de subir essas escadas com mais fôlego do que eu, disse Zilda amarga.

Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha.

Em breve as fatias eram distribuídas pelos pratinhos, num silêncio cheio de rebuliço. As crianças pequenas, com a boca escondida pela mesa e os olhos ao nível desta, acompanhavam a distribuição com muda intensidade. As passas rolavam do bolo entre farelos secos. As crianças angustiadas viam se desperdiçarem as passas, acompanhavam atentas a queda.

E quando foram ver, não é que a aniversariante já estava devorando o seu último bocado?

E por assim dizer a festa estava terminada. Cordélia olhava ausente para todos, sorria.

— Já lhe disse: hoje não se fala em negócios! respondeu José radiante.

— Está certo, está certo! recolheu-se Manoel conciliador sem olhar a esposa que não o desfitava. Está certo, tentou Manoel sorrir e uma contração passou-lhe rápido pelos músculos da cara.

— Hoje é dia da mãe! disse José.

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou. Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada. Cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar á luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

— Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que

ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. — Mamãe, que é isso! — disse baixo, angustiada. — A senhora nunca fez isso! — acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo que a velha não passava agora de uma criança.

— Ultimamente ela deu pra cuspir, terminou então confessando contrita para todos.

Todos olharam a aniversariante, compungidos, respeitosos, em silêncio.

Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Os meninos, embora crescidos —

provavelmente já além dos cinquenta anos, que sei eu! — os meninos ainda conservavam os traços bonitinhos. Mas que mulheres haviam escolhido! E que mulheres os netos — ainda mais fracos e mais azedos — haviam escolhido. Todas vaidosas e de pernas finas, com aqueles colares falsificados de mulher que na hora não agüenta a mão, aquelas mulherezinhas que casavam mal os filhos, que não sabiam pôr uma criada em seu lugar, e todas elas com as orelhas cheias de brincos — nenhum, nenhum de ouro! A raiva a sufocava.

— Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

— Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.

— Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. — Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um copo de vinho, Dorothy! — ordenou.

Dorothy não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava. A festa interrompida, os sanduíches mordidos na mão, algum pedaço que estava na boca a sobrar seco, inchando tão fora de hora a bochecha. Todos tinham ficado cegos, surdos e mudos, com croquetes na mão. E olhavam impassíveis.

Desamparada, divertida, Dorothy deu o vinho: astuciosamente apenas dois dedos no copo.

Inexpressivos, preparados, todos esperaram pela tempestade.

Mas não só a aniversariante não explodiu com a miséria de vinho que Dorothy lhe dera como não mexeu no copo. Seu olhar estava fixo, silencioso. Como se nada tivesse acontecido.

Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala. Com estoicismo, recomeçaram as vozes e risadas. A nora de Olaria, que tivera o seu primeiro momento uníssono com os outros quando a tragédia vitoriosamente parecia prestes a se desencadear, teve que retornar sozinha à sua severidade, sem ao menos o apoio dos três filhos que agora se misturavam traidoramente com os outros. De sua cadeira reclusa, ela analisava crítica aqueles vestidos sem nenhum modelo, sem um drapeado, a mania que tinham de usar vestido preto com colar de pérolas, o que não era moda coisa nenhuma, não passava era de economia. Examinando distante os sanduíches que quase não tinham levado manteiga. Ela não se servira de nada, de nada! Só comera uma coisa de cada, para experimentar.

E por assim dizer, de novo a festa estava terminada. As pessoas ficaram sentadas benevolentes. Algumas com a atenção voltada para dentro de si, à espera de alguma coisa a dizer. Outras vazias e expectantes, com um sorriso amável, o estômago cheio daquelas porcarias que não alimentavam mas tiravam a fome. As crianças, já incontroláveis, gritavam cheias de vigor. Umas já estavam de cara imunda; as outras, menores, já molhadas; a tarde cala rapidamente. E Cordélia, Cordélia olhava ausente, com um sorriso estonteado, suportando sozinha o seu segredo. Que é que ela tem? alguém perguntou com uma curiosidade negligente, indicando-a de longe com a cabeça, mas também não responderam. Acenderam o resto das luzes para precipitar a tranqüilidade da noite, as crianças começavam a brigar. Mas as luzes eram mais pálidas que a tensão pálida da tarde. E o crepúsculo de Copacabana, sem ceder, no entanto se alargava cada vez mais e penetrava pelas janelas como

um peso.

— Tenho que ir, disse perturbada uma das noras levantando-se e sacudindo os farelos da saia. Vários se ergueram sorrindo.

A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha. E, impassível, piscando, recebeu aquelas palavras propositadamente atropeladas que lhe diziam tentando dar um final arranco de efusão ao que não era mais senão passado: a noite já viera quase totalmente. A luz da sala parecia então mais amarela e mais rica, as pessoas envelhecidas. As crianças já estavam histéricas.

— Será que ela pensa que o bolo substitui o jantar, indagava-se a velha nas suas profundezas. Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra. Com um punho fechado sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena. Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

Porém nenhuma vez mais repetiu. Porque a verdade era um relance. Cordélia olhou-a estarrecida. E, para nunca mais, nenhuma vez repetiu — enquanto Rodrigo, o neto da aniversariante, puxava a mão daquela mãe culpada, perplexa e desesperada que mais uma vez olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar. Mas a esse novo olhar — a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa.

Passara o relance. E arrastada pela mão paciente e insistente de Rodrigo a nora seguiu-o espantada.

— Nem todos têm o privilégio e o orgulho de se reunirem em torno da mãe, pigarreou José lembrando-se de que Jonga é quem fazia os discursos.

— Da mãe, vírgula! riu baixo a sobrinha, e a prima mais lenta riu sem achar graça.

— Nós temos, disse Manoel acabrunhado sem mais olhar para a esposa. Nós temos esse grande privilégio disse distraído enxugando a palma úmida das mãos.

Mas não era nada disso, apenas o mal-estar da despedida, nunca se sabendo ao certo o que dizer, José esperando de si mesmo com perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha. Os outros aguardavam. Como Jonga fazia falta nessas horas — José enxugou a testa com o, lenço — como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara, e isso dera a Jonga tanta segurança. E quando ele morrera, a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros. Esquecera-o talvez. Mas não esquecera aquele mesmo olhar firme e direto com que desde sempre olhara os outros filhos, fazendo-os sempre desviar os olhos. Amor de mãe era duro de suportar: José enxugou a testa, heróico, risonho.

E de repente veio a frase:

— Até o ano que vem! disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, hein?, repetiu com receio de não ser compreendido.

Olhou-a, orgulhoso da artimanha da velha que espertamente sempre vivia mais um ano.

— No ano que vem nos veremos diante do bolo aceso! esclareceu melhor o filho Manoel, aperfeiçoando o espírito do sócio. Até o ano que vem, mamãe! e diante do bolo aceso! disse ele bem explicado, perto de seu ouvido, enquanto olhava obsequioso para José. E a velha de súbito cacarejou um riso frouxo, compreendendo a alusão.

Então ela abriu a boca e disse:

— Pois é.

Estimulado pela coisa ter dado tão inesperadamente certo, José gritou-lhe emocionado, grato, com os olhos úmidos:

— No ano que vem nos veremos, mamãe!

— Não sou surda! disse a aniversariante rude, acarinhada.

Os filhos se olharam rindo, vexados, felizes. A coisa tinha dado certo.

As crianças foram saindo alegres, com o apetite estragado. A nora de Olaria deu um cascudo de vingança no filho alegre demais e já sem gravata. As escadas eram difíceis, escuras, incrível insistir em morar num prediozinho que seria fatalmente demolido mais dia menos dia, e na ação de despejo Zilda ainda ia dar trabalho e querer empurrar a velha para as noras — pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontraram na tranqüilidade fresca da rua. Era noite, sim. Com o seu primeiro arrepio.

Adeus, até outro dia, precisamos nos ver. Apareçam, disseram rapidamente. Alguns conseguiram olhar nos olhos dos outros com uma cordialidade sem receio. Alguns abotoavam os casacos das crianças, olhando o céu à procura de um sinal do tempo. Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais — que palavra? eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto. Começaram a se separar, andando meio de costas, sem saber como se desligar dos parentes sem brusquidão. — Até o ano que vem! repetiu José a indireta feliz, acenando a mão com vigor efusivo, os cabelos ralos e brancos esvoaçavam. Ele estava era gordo, pensaram, precisava tomar cuidado com o coração. Até o ano que vem! gritou José eloqüente e grande, e sua altura parecia desmoronável. Mas as pessoas já afastadas não sabiam se deviam rir alto para ele ouvir ou se bastaria sorrir mesmo no escuro. Além de alguns pensarem que felizmente havia mais do que uma brincadeira na indireta e que só no próximo ano seriam obrigados a se encontrar diante do bolo aceso; enquanto que outros, já mais no escuro da rua, pensavam se a velha resistiria mais um ano ao nervoso e à impaciência de Zilda, mas eles sinceramente nada podiam fazer a respeito: "Pelo menos noventa anos", pensou melancólica a nora de Ipanema. "Para completar uma data bonita", pensou sonhadora.

Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério.

Textos extraídos do livro "Laços de Família", Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1998, pág. 54 e 126.

Obras de Clarice Lispector

- Perto do Coração Selvagem, romance, 1944
O Lustre, romance, 1946
A Cidade Sitiada, romance, 1949
Alguns Contos, conto, 1952
Laços de Família, conto, 1960
A Maçã no Escuro, romance, 1961
A Paixão Segundo G.H., romance, 1961
A Legião Estrangeira, conto, 1964
O Mistério do Coelho Pensante, literatura infantil, 1967
A Mulher Que Matou os Peixes, literatura infantil, 1969
Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres, romance, 1969
Felicidade de Clandestina, conto, 1971
Água Viva, romance, 1973
Imitação da Rosa, conto, 1973
A Via-Crucis do Corpo, conto, 1974
A Vida Íntima de Laura, literatura infantil, 1974
A Hora da Estrela, romance, 1977

http://www.e-biografias.net/clarice_lispector/

Uma autora, várias facetas

A coletânea *Outros Escritos* revela uma Clarice Lispector que poucos conhecem

A JORNALISTA OFICIAL

"A 'Cidade das Meninas' não é propaganda para turismo. Nascerá inteligente e organizada. Será uma escola de mulheres. Entrevistada, a sra. Darcy Vargas acentua que não é só a casa e a comida que essas crianças receberão. Porém, e sobretudo, o ambiente, o lar."

De uma reportagem sobre a inauguração de um orfanato produzida para agência de notícias da ditadura Vargas, em 1941

A MÃE

"Eu estava lendo alto uma página escrita para 'ouvir' os defeitos, Pedro se aproximou, me olhou e disse:

– Você está lendo alto para ver se faz sentido?

Eu, abobalhada:

– É, exatamente isso.

– O que quer dizer 'fazer sentido'?
O que é 'sentido'?"

Trecho de *Conversas com P.*, notas da escritora sobre os filhos

Reprodução Acervo Paulo Gurgel Valente



Clarice com Paulo, o filho mais novo: fascínio pela linguagem infantil

A FEMINISTA

"A mulher moderna estuda. Trabalha. As legislações trabalhistas mais adiantadas abrem um capítulo regulador de suas atividades. Aceita-se a nova ordem que, afinal, se trouxe à mulher a alegria de um pouco de liberdade e, sem dúvida, alguns males também, não foi por ela provocada, mas pelos acontecimentos mundiais e pela conseqüente instabilidade da vida moderna."

Trecho do artigo *Deve a Mulher Trabalhar?*, de 194

http://veja.abril.com.br/060705/p_105.html